

MITOS ACERCA DA MULHER COM A MATEMÁTICA

Jane Cleide de Almeida Cordeiro- janeclideac@hotmail.com;

Pedro Lúcio Barboza- plbcg@yahoo.com.br

Universidade Estadual da Paraíba

Introdução

Quando analisamos a História da Matemática percebemos uma baixa presença feminina em sua construção. Vários fatores contribuem para tal questão, entre eles, os fatores históricos e culturais. Uma questão apreendida na sociedade para explicar esta baixa representatividade na matemática seria a desculpa da mulher ter possivelmente capacidades intelectuais limitadas para atuar nessa área.

Muitos mitos foram se moldando ao longo dos anos acerca da relação da mulher com a matemática. Segundo Fernandes (2006, p.70), “pode-se dizer que o mito é uma intuição compreensiva da realidade, que não necessita de provas para ser aceita. É uma forma espontânea do ser humano situar-se no mundo.”. No Dicio (Dicionário online de português) encontramos que mito se refere “Algo ou alguém cuja existência não é real ou não pode ser comprovada.”. Alves (2005, p.70), nos alerta para os perigos que acompanham os mitos ao afirmar: “E todo mito é perigoso, porque ele induz o comportamento e inibe o pensamento”.

Diante destes conceitos, acrescentamos afirmações de Gontijo (2007, p. 4) em sua pesquisa de doutorado, onde coloca alguns dos mitos presentes na sociedade:

- Ciência tem como meta desenvolver coisas, mulheres têm como meta o desenvolvimento de pessoas;
- Ciência é razão, não permite sentimentos. Sentimentos são elementos femininos enquanto pensamento é um elemento masculino;
- Ciência é ‘pesada’ e capturada pela mente; mulheres são leves e sentimentais;
- Ciência lembra poder; mulheres lembram harmonia.

Souza (2006, citado por Carmo e Ferraz, 2012, p.55), destaca de forma muito objetiva um dos principais mitos referentes a esse assunto, quando cita “homens são naturalmente melhores que mulheres em matemática e raciocínio lógico”. Esse discurso que busca por afirmar ser intrínscico ao homem um raciocínio superior ao da mulher em relação à matemática, circula nos ouvidos das crianças desde muito cedo, no seio da família, assim como em escolas e mídias em geral, suscitando assim um efeito danoso na formação e diferenciação dos papéis sexuais, e moldando atitudes ante a matemática que repercutirão em suas escolhas profissionais e em seu desempenho.

Não podemos deixar de mencionar a desvantagem que no passado a mulher teve no que diz respeito ao acesso ao ensino, pois lhe era permitido apenas aprender o essencial para desenvolver os trabalhos do lar e cuidado dos filhos, “levando-se em conta que apenas os homens tinham o direito a frequentar a escola. E sem o direito ao conhecimento, as mulheres não podia defender adequadamente, senão a maior, uma das maiores aspirações humanas, que é a própria liberdade.”(CARVALHO, PEREIRA E PENEIREIRO, 2016, p. 573).

A sociedade possui o papel de compartilhar propósitos, princípios, preocupações e costumes, e interage entre si constituindo uma comunidade. Ela desenvolve uma influência notória na vida de qualquer cidadão. Sabemos que todo o processo de aprendizagem de um cidadão em geral, está ligado diretamente aos mais diversos estímulos absorvidos ao seu redor. Acredita-se que homens e mulheres têm atitudes diferentes em relação à matemática como resultado das influências que recebem de seus colegas e adultos em geral (Hyde e cols.,1999; Kimball, 1989; citado por Gontijo, 2007).

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Foucault (1996, p.39, citado por Souza e Fonseca, 2008), nos alerta para o efeito de discursos como estes sobre mulheres e homens, “determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”, definindo assim lugares sociais.

Em uma sociedade marcada por tantas conflagrações na luta pelo reconhecimento ao gênero feminino no âmbito profissional, acreditamos na possibilidade de encontrar discursos discriminatórios em relação a mulher com a matemática, todavia seria um tanto quanto desconfortável ou até mesmo constrangedor para o participante expor claramente uma opinião desta esfera, justamente por esta história de lutas e conquistas do gênero, recorrendo assim ao uso de palavras mais suáveis, evasivas ou por entrelinhas, com o intuito de camuflar seu discurso, que se caracteriza pelo que Foucault chama de “interdito”.

Tomamos como base principal para análise de dados, o conceito de procedimentos de exclusão interdito, do autor Michel Foucault em sua obra *L'ordre du discours*:

É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é o *interdito*. Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja. (FOUCAULT, 1971 p.2)

Este conceito nos alicerça para pesquisar uma possível ausência de incentivo ao gênero feminino de forma interdita para escolha profissional em licenciatura matemática, que tem se mostrado muito discretamente pela sociedade em geral até os dias atuais.

Esta pesquisa tem por objetivo, analisar como se dá atualmente as influências e estímulos recebidos pelo alunado do ensino médio, acerca do gênero feminino ante a escolha profissional para o curso de matemática. Sua relevância justifica-se pela necessidade de impulsionar as mulheres a optar pela carreira do magistério, desprendendo-se dos abusos de limitar áreas profissionais de acordo com o sexo, assim como de tais violências simbólicas.

Metodologia

Abordamos o alunado do 3º ano do ensino médio de uma escola pública do interior da Paraíba, através de um questionário semiaberto com oito questões, aplicado a 25 participantes, sendo 10 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, onde refletimos sobre os mais diversos estímulos, oferecidos no dia a dia pela sociedade, familiares, amigos e principalmente pelo próprio ambiente escolar, a citar a figura principal deste, os professores, que são de grande influência no ato da escolha profissional.

Organizamos os questionários de forma que os respondentes do sexo feminino são identificados com a letra “F” seguida de um número de ordem, assim como os respondentes do sexo masculinos com a letra “M” e o seu número de ordem.

Resultados e discussão

Os participantes foram questionados, se seriam capazes de ressaltar diferenças entre professores homens e professoras mulheres de matemática no ato de ensinar, onde 40% conseguiram ressaltar diferenças, segue alguns discursos transcritos na íntegra:

Geralmente, homens são conhecidos por ocuparem áreas de exatas pelo fato de serem considerados mais racionais e severos, o contrário do que se pensa das mulheres, que são mais emotivas.(F8)/Sim, porque as mulheres tenha mais o cuidado ao explicar, e os homens são mais diretos, objetivos e que ajuda a

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

entendermos rápido o assunto, mas também acho que as mulheres são mais capacitadas, e que estão vindo a abranger nessa área de ensino. (F11)/A mulher tem mais paciência de ensinar tem mais pratico de lhe dar com os alunos. Já o homem tem temperamento mais forte ou seja mais rígido nos ensinamentos.(F15).

Podemos observar no discurso das participantes F8, F11 e F15 que a sociedade promove um procedimento de exclusão interdito ao induzir que os homens são mais racionais, severos, diretos, rígidos, objetivos, rápidos e com temperamento forte, onde tais características seriam supostamente requisitos importantes para a área de exatas ao passo que induzem não serem próprias das mulheres, tornando-as inadequada para esta área.

Outra questão interessante, elaborada com intuito de observar a opinião dos participantes com relação à ainda haver pré-conceito ou falta de incentivo para a mulher optar por um curso superior que envolva a matemática, trouxe resultados que apontam 33,33% dos participantes do sexo masculino que acreditam haver tal violência simbólica, assim como 66,66% das participantes do sexo feminino também o acham:

Ainda há esse preconceito, porque infelizmente a sociedade visualiza esta matéria como algo cansativo.(F2)/ Não diria preconceito, mas a falta de incentivo sim, ela existe!(F5)/ Não o preconceito diretamente, mas creio que elas se sintam intimidadas ao atuar em uma área onde o homem predomina.(F6)/ Sim, por matemática ser considerada uma matéria complicada e difícil de compreender eles afirmam que as mulheres tem outras responsabilidades e não pode se dedicar apenas ao estudo. (F10)/ Sim porque o povo opta mais por causa da matéria que é um pouco difícil. (F15).

Observamos mais uma vez a caracterização de procedimentos de exclusão interditos quando as participantes F2, F10 e F15 discursam alegando que a sociedade visualiza a matemática como algo cansativo, complicado e de difícil compreensão, desta forma existe o pré-conceito por supostamente a mulher não ser capaz diante de uma disciplina com essas características. As participante F5 e F6 mencionam a falta de incentivo, o pré-conceito e predomínio masculino na área.

Não poderíamos deixar de incluir um questionamento acerca da opinião dos participantes sobre eles acreditarem existir ou não uma tendência natural dos homens para a matemática e das mulheres para ciências humanas, este ponto apresentou como resultados que 33,33% dos participantes masculinos acreditam sim haver uma tendência natural do gênero para a determinada área, assim como 46,66% das participantes femininas concordam, o que em nossa opinião são números muito altos se observados todos os esforços científicos para comprovar a capacidade intelectual igualitária. Segue alguns discursos:

Talvez sim, pois as mulheres são marcadas por serem gentis e calmas, mas nada implica a escolha de outra área. (M4) /Sim, existe sim esse tendência, na minha opinião homem para matemática, e as mulheres para outras áreas de educação. (M9) /Sim, os homens optam pela área de exatas. (F4) /Sim, como já citei em outra questão, pela mulher ter um papel mais romanesco na história da humanidade. (F8)/Sim, porque a sociedade feminina é titulada como sexo frágil, e precisa está em profissões que não exista esforço, físico e mental.(F11)/Sim, mas se ela escolher a matemática, ela está quebrando esse tabu de que 'só os homens' podem.(F12).

Encontramos nesses discursos procedimentos de exclusão interditos por parte das dos participantes M4, F8 e F11, onde mostram terem sido moldados pela sociedade, pois mais uma vez são instigadas características consideradas próprias femininas, que teriam afixado nos participantes esta idéia das mulheres em sua grande maioria não serem conveniente a atuar na área de exatas. Além disto, podemos observar nos discursos dos participantes M9, F4 e F12 alguns

procedimentos de exclusão, porém não mais de forma interdita, mas sim propriamente dita quando afirmam acreditar que o homem possui sim uma tendência natural para a matemática.

Conclusões

Os dados da pesquisa sugerem que o gênero feminino não é estimulado para a escolha de cursos voltados para os cálculos, se refugiando principalmente nos Procedimentos de Exclusão Interditos para tais abusos. Os discursos referentes a este contexto que reinam na sociedade foram se moldando, ao ponto de encontrarmos, apenas nas entrelinhas, falas baseadas na exclusão interdita, porém ainda de forma discriminatória.

A pesquisa mostra ainda haver necessidade de aprofundamentos, as demais questões apresentadas aos participantes ainda estão em análise. Opções como incluir observações de aulas, comportamento e discursos do alunado e professores ampliam o estudo desta temática, e poderiam ajudar a compreender melhor os efeitos causados pela presença da mulher na área, detectando possíveis meios para a desconstrução da visão de que este seria um campo masculino, gerando mais conforto e interesse na mulher para com a Matemática.

Referências

ALVES, R. *Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e a suas regras*, 9 Ed. São Paulo, Loyola, 2005.

CARMO, J. S. e FERRAZ, A. C. T. *Ansiedade relacionada à matemática e diferenças de gênero: uma análise da literatura*. **Psicologia da Educação**, São Paulo, 35, 2º sem de 2012, p 53-71.

CARVALHO, T. F; FERREIRA, D. H. L. e PENEREIRO, J. C. *Matemática, Mulheres e Mitos: causas e consequências históricas da discriminação de gênero*. **Educação Matemática e Pesquisa**. São Paulo, v.18, n.2,p 571-597, 2016.

DICIO, Dicionário online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mito>>. Acesso em: 18 mai.2018.

FERNANDES, M. C. V. *A inserção e vivência da mulher na docência de matemática: uma questão de gênero*. 2006. 107p. Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2006.

FOUCAULT, M. *L'ordre du discours*, Leconlnauguraleao College de France Prononcee le, 2 decembre 1970, Editions Gallimard, Paris, 1971.

GONTIJO, C. H. *Relações entre criatividade, Criatividade em Matemática e motivação em Matemática de Alunos do Ensino Médio*, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília. p. 79-86, 2007.

SOUZA, M. C. R. F. e FONSECA, M. C. F. *Mulheres, homens, e matemática: uma leitura a partir dos dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional*, **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.3, p.511-526, 2008.